

## SOBRE UMA ESQUERDA DERROTADA: RESCALDOS, DERROTAS E MEMÓRIA NO SÉCULO XX

### ABOUT A DEFEATED LEFT: AFTERMATH, DEFEATS AND MEMORY IN THE 20TH CENTURY

Raphael Guazzelli Valerio<sup>1</sup>  
Gabriel de Moura Cavalcanti<sup>2</sup>

#### RESUMO

O artigo procura elaborar alguns elementos que poderiam fornecer um quadro de razões para a derrota do campo político à esquerda no mundo contemporâneo. Para tanto, mobiliza algumas noções caras à modernidade: progresso, aceleração e revolução. Pretende-se estabelecer uma zona de diálogo entre as hipóteses de Traverso em torno da melancolia, característica histórica da esquerda, e as ideias de Berardi que apontam para o tempo presente como uma realidade sem futuro. Talvez, a chave de interpretação da derrota histórica da esquerda, que já dura quarenta anos, resida nesta articulação.

**Palavras-chave:** esquerda; progresso; aceleração; futuro; derrota.

#### ABSTRACT

This article seeks to elaborate on some elements that could provide a framework for the reasons for the defeat of the political left in the contemporary world. To this end, it mobilizes some notions dear to modernity: progress, acceleration and revolution. It aims to establish a zone of dialogue between Traverso's hypotheses regarding melancholy, a historical characteristic of the left, and Berardi's ideas that point to the present as a reality without a future. Perhaps the key to interpreting the historical defeat of the left, which has lasted forty years, lies in this articulation.

**Key words:** political left; progress; acceleration; future; defeat.

---

<sup>1</sup>Doutor em Educação (Unesp). Departamento de Fundamentos Sociofilosóficos da Educação e Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal de Pernambuco. Recife. Pernambuco. Brasil. E-mail: raphael.guazzelli@ufpe.br. ORCID: 0000-0003-2058-6478.

<sup>2</sup>Mestrando em História (UFPE). Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal de Pernambuco. Recife. Pernambuco. Brasil. E-mail: gabriel.mouracavalcanti@ufpe.br. ORCID: 0009-0001-7930-5442.

**Artigo recebido em:** 17/04/2025

**Artigo aprovado em:** 20/06/2025

**Artigo publicado em:** 23/06/2025

Doi: <https://doi.org/10.24302/prof.v12.5930>

## INTRODUÇÃO

Gostaríamos de retomar uma definição objetiva para este campo político situado em um lugar e a partir de um dado momento, a emergência da esquerda. É frequente ouvir esta distinção: a direita quer menos Estado (Estado mínimo), enquanto a esquerda quer mais Estado (Estado máximo). Nada mais errôneo. Tanto um posicionamento, quanto outro, nasceram do liberalismo, estão ancorados, portanto, em toda uma tradição da defesa dos direitos humanos, da liberdade pessoal e política e da tolerância religiosa, cujo ponto alto foram as Revoluções Francesa e Americana. Foi na Revolução Francesa, todavia, que a oposição direita/esquerda começou a tomar forma. Quando do processo revolucionário constitui-se, na Assembleia Nacional Constituinte, dois grupos majoritários: os girondinos e os jacobinos. Os girondinos, mais moderados, defendiam, entre outras coisas, uma monarquia constitucional; sentavam-se à direita no parlamento. Os jacobinos, por sua vez, eram mais radicais e defendiam, entre outras, uma república; sentavam-se à esquerda no parlamento. Note-se, pois, que a origem da dicotomia em nada tem a ver com a questão de menos ou mais Estado, assim como, ambas posições deitaram raízes na tradição liberal.

Agora, a partir do século XIX as coisas se complicam. Os movimentos de trabalhadores e as teorias socialistas, que surgem neste período, passam a fazer a crítica de certos pressupostos liberais. Se nas Comunas de Paris a subjetividade revolucionária era mesclada de boêmios e camponeses, o marxismo possibilitou a criação de um novo sujeito revolucionário, que nada tem a perder, a não ser seus grilhões, o operário. No século XX a revolução russa consagrou esta figura como central da revolução. As formas de luta como sindicatos e partidos crescem, passam

por uma reestruturação, e desejos mais ambiciosos como fim da sociedade de classes e o fim do capital. Hermetismos, características nacionais, centralismo democrático, desenvolvimento de uma teoria política possibilitam este caráter heterogêneo inerente à esquerda. Embora, para alguns seja evidente dispensar o caráter europeu deste conceito político, esquerda, democracia, república, são noções históricas que não seguem uma linearidade, mas cada continente e país que foi influenciado por essa e tantas outras ideias que se cristalizaram na Europa, acrescentou características e implicações. Algo essencial desta esquerda do século XX fundada em Marx, remete a ideia de uma teoria filosófica não apenas satisfeita em compreender as grandes questões da sociedade contemporânea, mas transformá-la.

Muitas serão as nacionalidades das teorias que propuseram à esquerda caminhos que nem sempre foram bem-sucedidos. Se a revolução de outubro for tomada como parâmetro, empobreceremos nossa discussão em pensar que todas estas revoluções teriam o mesmo modelo. Mas ainda assim, pensar nestes momentos históricos sob o olhar de paradigma nos fornece uma análise comparativa fortuita, como oportunamente Perry Anderson realiza nas suas Considerações sobre um Marxismo Ocidental (2019). Não é por acaso que este texto dirige seu olhar para o caso italiano, nos chama a atenção sua riqueza teórica e uma maciça movimentação política. Podendo ser situada nos primeiros sindicatos na década de 1910-20, sua resistência ferrenha ao fascismo, sua vitória e consolidação no cenário político pós-Segunda Guerra destacamos sua longevidade e seus antagonismos, passando por uma sociedade de produção moderna, depois fordista e testemunhando as mudanças pós-fordistas, até a exaustão e decadência deste formato clássico de luta e organização dos sujeitos revolucionários.

A esquerda italiana sai derrotada do embate contra o neoliberalismo e deixa lições para uma esquerda que ainda sonha com a transformação do mundo. O caso, aparentemente particular àquele país, pode ser encarado como um novo paradigma que nos leva a uma nova forma de luta, assim como a reformulação de um novo sujeito

revolucionário. Este novo sujeito, segundo um dos derrotados do movimento autonomista italiano, não tem mais aquela verve, entusiasmo nem pretensões mais de mudar o mundo, a esquerda reduziu seu papel à uma mera agitação em tempos eleitorais e hoje se apegua às antigas instituições liberais e noções de democracia que tanto criticaram no começo do século XX. É neste sentido que retomaremos o exemplo italiano para pensar as aporias da esquerda contemporânea, para nós a derrota sofrida neste país, durante os anos 1970, antecipam os dilemas de nossa época.

### **TEMPO, PROGRESSO E DECADÊNCIA**

O tempo, para além de uma mera grandeza física, tem uma historicidade. O tempo cíclico dos gregos antigos; o tempo apocalíptico do cristianismo, como a vida terrena compreendida como uma expiação para a felicidade eterna no pós-vida; e, finalmente, o tempo linear da acumulação dos saberes para a realização em vida e aperfeiçoamento da humanidade. Koselleck (2006) aponta como, do deslizamento entre as categorias espaço de experiência e horizonte de expectativa, surgia a aceleração. Esta se confunde com a modernidade. O século XX, aquele que mais acreditou no progresso, diante de tantos genocídios, guerras, ascensão de regimes nazi-fascistas, transformações do Estado e mudanças no trabalho, será o século que presenciou, paradoxalmente, o esgotamento do entusiasmo pelas ideias modernas.

De um ponto de vista antagônico a esta visão, o economista Francis Fukuyama (1991) diante da queda do primeiro país a ter uma revolução comunista afirmou que o regime liberal burguês venceu a corrida como melhor regime durante o século; essa é a ideia defendida ao fim da URSS em 1991. Este seria o “fim da história”, isto é, o movimento em direção ao progresso atingiu seu ápice com o liberalismo, pois seu formato acomodaria todas as tensões da sociedade, e destas resoluções, o aprimoramento. Mas, para nós, é preciso entender as energias utópicas e as

perspectivas históricas sobre o tempo para alcançar uma ideia de “fim do futuro” ao oposto de um “fim da história”.

A questão da aceleração para o tempo é colocada pelo filósofo da história dos conceitos Reinhart Koselleck (2006). Em sua obra, elabora toda uma teoria sobre a modernidade como aceleração e para isso, busca conceitos universais na história. Trata-se da teoria na qual seria possível compreender cientificamente os conceitos pela qual a história se expressa. Os conceitos de espaço de experiência e horizonte de expectativa são colocados pelo filósofo como categorias básicas e fundamentais para possibilitar uma história. Não há história possível sem esses dois conceitos, pois eles articulam o passado, o presente e o futuro. A busca não é pela concretização ou não do que se projeta, mas o próprio gesto de projetar, analisar o que há de político e social, no gesto de projetar, conjeturar, tentar prever, os desejos e as intenções.

Koselleck (2006, p. 314-319) demonstra a articulação desses conceitos para analisar a sociedade medieval europeia exemplificando o uso dessas categorias. No mundo camponês medieval a experiência pouco sofria com mudanças bruscas, de forma que as expectativas das gerações seguintes se assemelhavam a de seus antepassados. Mas, se no mundo camponês não havia grandes mudanças, no campo intelectual desta mesma sociedade medieval, as ideias de Copérnico, os humanistas e intelectuais passavam por novas experiências, que dentro deste campo, alterava suas expectativas quanto ao que poderia resultar a presença dessas ideias que mexiam com as estruturas de pensamento. Mais adiante no tempo, a experiência ultramarina junto com o conhecimento de outras sociedades fora da Europa, vivendo em outras temporalidades, o espaço de experiência ganhou novos elementos que vão alargar as possíveis expectativas sobre o futuro daquela sociedade predominantemente rural.

O movimento iluminista, junto com seus questionamentos baseados no uso da razão para compreensão da realidade, mudou a estrutura política das sociedades que agitou de vez o mar de calmaria do medievo europeu. Agora, em contato e comércio com diversas partes do planeta, dando este novo caráter dinâmico de sociedade

advindo do capitalismo. A revolução francesa é o ponto decisivo da mudança no conceito de progresso na Europa. Se antes progresso significava apenas “seguir”, agora ele encampa uma ideia de melhoria, e o futuro a partir da razão desvencilhado do obscurantismo religioso medieval, se confundiria com o aperfeiçoamento da humanidade. Com a política tomando feições inéditas, na velocidade do corte das cabeças guilhotinadas dos monarcas e os sucessivos modelos políticos vividos pela França de 1789 em diante.

Koselleck (2006, p. 321-322) aponta como a França pós-revolução experimentou oito diferentes modelos políticos de 1790 a 1850, com mudanças em toda a estrutura da sociedade, não mais a sociedade absolutista europeia. Desse desequilíbrio entre o espaço de experiência, este agora reduzido em seu tamanho entre a passagem de gerações, e o horizonte de expectativa com promessas de melhoria, aperfeiçoamento e progresso, esta nova palavra que ganha novos significados. Com Kant (2003) ao pensar numa história universal da humanidade, guiada pelo uso da razão e iluminada pelo conhecimento científico. Esta aceleração causada pelo progresso é o que Koselleck (2006, p. 318-319) chama de modernidade:

Kant, que criou a expressão ‘progresso’, aponta a mudança de rumo do que se trata aqui. Uma predição que espere fundamentalmente o mesmo não é para ele um prognóstico. Pois contradiz sua expectativa de que o futuro seria melhor porque deve ser melhor. Experiência do passado e expectativa do futuro já não correspondem uma à outra; distanciam-se progressivamente. O prognóstico pragmático de um futuro possível se transforma em expectativa de longo prazo para um futuro novo. Kant admitia que pela experiência não se pode solucionar imediatamente a tarefa do progresso. Mas estava convencido de que novas experiências, semelhantes à da Revolução Francesa, haveriam de se acumular no futuro de modo que ‘aprender por uma experiência reiterada pode garantir um progresso contínuo para o melhor’. Esta frase só passou a ser concebível depois que a história foi vista e experimentada como única, não apenas nos diversos casos individuais, mas única em seu todo, como totalidade aberta para um futuro portador de progresso.

Se o século XIX, com o advento da revolução industrial, a presença das máquinas acelerando e modificando o cotidiano, foi marcado pelo entusiasmo com a tecnologia, as melhorias sanitárias e urbanas, o século XX vai ser ainda mais portador destes sonhos e desejos. Franco “Bifo” Berardi aponta como as grandes utopias se concretizaram ironicamente no século XX, tendo como última grande utopia o advento da máquina linguística e a internet. As vanguardas futuristas sonharam com uma linguagem ‘transmental’, o dadaísmo rompia a relação entre a arte e vida, enquanto que o surrealismo clamava pela imaginação no poder. Na ocasião do centenário do Manifesto Futurista lançado por Marinetti em 1909, Berardi fez uma análise do contemporâneo constatando uma exaustão das ideias iluministas, que tem seu auge e declínio no século XX, o século que mais acreditou no futuro-progresso.

A energia e entusiasmo que as vanguardas modernas europeias tinham com a aceleração em seus aspectos técnicos, científicos e sociais, resistiram a grandes guerras e o *Shoah* promovido pelo Estado nazista, diversas ditaduras e genocídios; esses acontecimentos abalaram a crença no futuro=progresso. Por outro lado, o autor destaca como o movimento de contracultura foi capturado em seus anseios pelos dispositivos capitalistas, e a linguagem das vanguardas modernas. Os futurismos russo e italiano, Bauhauss, os dadaístas e surrealistas acabaram por elaborar uma linguagem que possibilitou a criação da máquina linguística. A internet é considerada pelo filósofo com a última grande utopia do século XX. Ele aponta como cada projeção pôde se realizar, porém de forma irônica e adversa. Os futuristas italianos participaram ativamente do Fascismo, os futuristas russos se desiludiram, suicidaram-se ou foram perseguidos pelo stalinismo, e a separação entre a vida e arte clamada pelos dadaístas, assim como a imaginação no poder, sonhada pelos surrealistas, se tornaram publicidade na sociedade *espetacularizada*, possibilitada pela televisão e posteriormente internet.

## RUNNING OUT FUTURE

*Depois do Futuro* (2009) remete ao centenário do *Manifesto Futurista* de 1909 de Marinetti, um poeta modernista italiano, entusiasta do automóvel, da potência da máquina e do futuro que se anunciava sobre os trilhos e rodas do progresso. Logo de abertura, Bifo (2009, p.16) cita um poema de Marinetti onde ele elogia o automóvel, com sua potência e velocidade, e comenta 'como seria irônico ler este poema num engarrafamento, num dia de calor, dentro do seu automóvel!'

Chegamos ao futuro sonhado pelos literários, pelos sonhadores, iluministas, entusiastas da técnica e do avanço da razão, aqui é o futuro, mas o que vem a seguir? As iminentes catástrofes ambientais, a persistência da escravidão, da fome, além da grande ironia que é a precarização do trabalho facilitada pelas novidades tecnológicas como os diversos trabalhos possibilitados pela internet, o celular e seus *apps*, fazem com que fique difícil acreditar nesse progresso inerente, linear, seguindo o curso da história.

A análise de Berardi encontra neste novo cenário, tanto a impossibilidade de imaginar um futuro que tenha esperança na luta contra nossa deterioração da experiência humana, massacrada por trabalhos precários, privada de um meio ambiente em equilíbrio e com a incerteza do tipo de seguridade social ofertada pelo Estado neoliberal. Agora, não como as utopias das vanguardas modernas do século XX, o sujeito inquieto e transformador moderno, a nova geração, na visão de Berardi que automatizada pela lógica da conectividade, deu lugar ao *Hikikomori*, fenômeno que acontece no Japão, onde uma juventude em desilusão com a carestia e a impossibilidade de encontrar felicidade no convívio e na sua comunidade, isola-se num quarto, detrás de um computador e recusa fazer parte do sistema, porém esta recusa é bastante limitada e não prevê ação para mudar esta situação no futuro.

O historiador Enzo Traverso (2021) também percebe esta apatia nas novas gerações, e a análise que ele apresenta responsabiliza a esquerda pela falta de

produção de horizontes. A esquerda se tornou órfã quando o marxismo tradicional do século XX foi derrotado. Nas teses sobre Feuerbach, Marx sentencia o que seria a prática de sua filosofia, ilustrada na célebre frase: “Até agora os filósofos se preocuparam em interpretar o mundo de várias formas. O que importa é transformá-lo.” Esta frase organiza e demonstra uma preocupação do marxismo, não se distanciar do horizonte de transformação, mas de enxergar na *luta de classes* a possibilidade da sociedade sem classes, comunista. A teoria não pode se distanciar da práxis militante.

## MARXISMO OCIDENTAL E O CASO ITALIANO

Na década de 1960, por solicitação de uma revista para a elaboração de um Guia para o Marxismo Ocidental, seus pensadores e os desdobramentos das ideias, tradições, bifurcações e confluências, Perry Anderson (2018) elaborou suas *Considerações sobre o Marxismo Ocidental*. A intenção era constituir uma série de exposições críticas sobre os maiores nomes desta tradição: de Lukács a Gramsci, de Sartre a Althusser, de Marcuse a Della Volpe. A revista encerrou seus trabalhos pouco após a solicitação deste manual, mas o trabalho de Anderson seguiu esta linha, fazendo um grande balanço histórico do marxismo após a revolução de outubro.

Anderson (2018) explica como a atuação política de Marx e Engels era limitada por sua época. Os levantes revolucionários na Alemanha de 1848 que ambos se envolveram politicamente eram constituídos maior parte, por artesãos, assim como a Comuna de Paris. A estrutura de Partidos, sindicatos e organizações dos trabalhadores só aconteceram depois da morte de Marx:

O rol de publicações de Marx em sua própria época é um indicador das barreiras para a difusão do pensamento entre as classes às quais ele se dirigia. Inversamente, entretanto, a inexperiência do proletariado da época – ainda a meio caminho entre oficina e fábrica, desprovido em grande parte até mesmo de uma organização sindical, sem esperança de ganhar nenhum poder na Europa – circunscrevia os limites exteriores do próprio pensamento de Marx (Anderson, p. 26).

Nesse aspecto, a obra de Marx não poderia adiantar-se ao ritmo real das massas na história com vistas a inventar seus próprios instrumentos e modalidades de autoemancipação. O aspecto desenvolvido e coerente da teoria econômica legada por Marx se contrapõe a uma teoria política, que fosse comparável em esforço, tanto a respeito das estruturas do Estado burguês quanto da estratégia e das táticas da luta socialista revolucionária por um partido da classe trabalhadora capaz de derrubar o capital.

Os pensadores que levaram à frente as ideias marxistas continuaram ao trabalho junto à Engels, criando uma rede que ia se espalhando por diversos países. As maiores figuras destacadas por Anderson (2018) são: Labriola (nascido em 1843), Mehring (nascido em 1846), Kaustky (nascido em 1854) e Plekhánov (nascido em 1856); trocaram correspondência e foram orientados por Engels, após a morte de Marx. Engels continuou e desenvolveu o materialismo histórico, orientando e se comunicando por cartas com os primeiros marxistas. Oriundos do Leste e Centro Europeu, estes primeiros marxistas embora não fossem os líderes e organizadores, ocupavam cargos importantes e viviam o cotidiano da militância.

As ideias de Marx surgem dentro do contexto das lutas da classe trabalhadora inglesa, se firma como ciência proletária e pretende não apenas analisar o mundo, mas também transformá-lo. Esta máxima leva o marxismo ao seu desenvolvimento de ciência atrelada à práxis. Marx toma envolvimento nas questões políticas de sua época, se entusiasma com as Comunas de Paris em 1871, realiza a primeira Internacional Socialista e dialoga com vários ativistas, filósofos, socialistas e lideranças no movimento dos trabalhadores. Porém há uma distância temporal até a absorção de suas ideias, onde o discurso marxista vai se encontrar com líderes de partidos de massa (Anderson, 2019, p. 40-50). Esta primeira fase não acontece na Europa Ocidental, mas no Leste e Centro Europeu com Lenin, Kautsky e Rosa Luxemburgo.

Na Europa Ocidental há um espaço temporal em que a Inglaterra, por ter uma tradição trabalhista desde o movimento cartista, o marxismo não teve grande adesão.

Na França a experiência das Comunas e o longo século de revoluções também minimizaram o impacto do marxismo. Na Alemanha, Rosa Luxemburgo lidera o PC alemão (SPD), porém acaba morrendo em uma insurgência precipitada em 1919. Por fim, na Itália, embora Labriola possa ser considerado um dos primeiros marxistas neste país, e experimente nas décadas de 10 e 20 uma organização dos trabalhadores e sindicatos reunidos em conselhos, como os sovietes russos, é com Antonio Gramsci que o PCI protagoniza o movimento operário, porém é logo reprimido pelo Regime Fascista.

Gramsci produz sua teoria no Cárcere, e seus escritos só alcançaram o grande público no pós-guerra (Anderson, 2019, p. 63-75). A relevância do marxismo italiano é que há combinação de um movimento de massa organizado e uma intelectualidade capaz de pensar a revolução aos moldes da depuração marxista, da teoria que caminha junto com a prática revolucionária (Anderson, 2019, p. 40).

O PCI foi o maior PC da Europa Ocidental, conduzido a primeiro momento por Togliatti, responsável pela divulgação dos manuscritos de Gramsci. Palmiro Togliatti teve a dificuldade em conduzir a política do PCI, pois era de conhecimento público o anúncio americano de grandes investimentos com o Plano Marshall, e por conta dos blocos que se formavam no pós-guerra, havia um equilíbrio tácito entre a URSS e EUA, em que um não arriscaria entrar em zona de influência do outro (Vacca, 2021, p. 21-41). O Partido da Democracia Cristã estava alinhado com os interesses de Washington, enquanto o PCI era pressionado pelo Komintern.

Esta tensão favoreceu a aproximação do PCI com a DC para buscar um caminho de independência para a Itália no bipolarismo da chamada Guerra Fria. Em contrapartida, este convite para a participação do PCI na Democracia Liberal Italiana, limitava e afastava o horizonte revolucionário. Esta situação se estende até o enfraquecimento final do PCI nos anos 80 e 90. O PCI, embora, com Togliatti na liderança, tivesse ainda a revolução proletária e a ditadura do proletariado como um dos objetivos, teve de abrir mão deste horizonte à medida que via na aliança estratégica

com a Democracia Cristã, uma possibilidade gradual e desenvolvimentista, de emancipar o trabalhador pela técnica e disciplina do conhecimento adquirido no trabalho. Tal perspectiva também se desenvolveu de modo mais ou menos parecido em países como França e a Inglaterra, isto é, a ideia de um Eurocomunismo, uma via socialista própria, que dialogasse com as forças internas do país, a burguesia, a classe industrial e a grande massa social cristã (Vacca, 2021, p. 21-41).

### **MEMÓRIA NOSTÁGICA: O NOVO LUGAR DA ESQUERDA**

O historiador Enzo Traverso (2021, p. 35-42) comenta como a esquerda tinha no século XX uma postura melancólica, que costuma olhar para as derrotas do passado buscando lições para transformar o futuro. Todavia, após a queda da União Soviética, foi atestada uma derrota total do projeto revolucionário marxista tradicional. O neoliberalismo diferentemente do liberalismo faz pouco caso do futuro, a ideia de progresso é substituída pela ideia de tradição e família. E nesse espaço vazio, as novas gerações já não veem mais sentido nos símbolos e memórias tradicionais da esquerda:

A mente humana, observou Koselleck citando Tocqueville, vagava na escuridão, e as lições da história se tornavam misteriosas e inúteis. O final do século XX parecia ter reabilitado a máxima de Cícero: A história é testemunha do passado, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, anunciadora dos tempos antigos. A democracia liberal tomou a forma de uma teodiceia secular que, no epílogo de um século de violência, incorporou as lições do totalitarismo. De um lado, historiadores apontavam as inúmeras mudanças ocorridas em era turbulenta, de outro, filósofos anunciavam o 'fim da história'. O hegelianismo otimista de Fukuyama foi criticado a torto e a direito, mas o mundo que emergiu do final da Guerra Fria e do colapso do comunismo era assustadoramente uniforme. O neoliberalismo assumiu o protagonismo; nunca, desde a Reforma, uma única ideologia havia estabelecido hegemonia tão completa, de alcance tão global (Traverso, 2021, p. 22).

Traverso (2021) ainda reflete como toda a história do comunismo foi reduzida a sua dimensão totalitária, que, por sua vez, parecia uma memória coletiva, passível de ser transmitida. Tal narrativa não foi inventada em 1989; ela existia desde 1917, mas agora se tornara uma consciência histórica compartilhada, uma representação dominante e incontestada do passado. Após ter adentrado o século XX como um a promessa de libertação, comunismo saiu dele como um símbolo de alienação e opressão (Traverso, 2021). A história do ativismo marxista do século XX foi sendo esquecida ou colocada num espaço menor:

Há vinte anos, a queda do socialismo real paralisou e censurou a imaginação utópica e, por um momento, suscitou novas visões escatológicas do capitalismo como 'horizonte insuperável' das sociedades humanas. Essa fase acabou, mas não surgiram novas utopias. Assim, 'presentismo' se torna um tempo suspenso entre um passado que não se pode superar e um futuro negado, entre 'um passado que não quer passar' e um futuro que não pode ser inventado ou previsto (exceto em termos de catástrofe) (Traverso, 2021, p. 33).

Outra análise interessante sugerida pelo historiador é como a memória da *vítima*, acabou se tornando uma espécie de culto na Europa, principalmente relativo à memória do *Shoah*. Diante da rejeição das estátuas e símbolos erigidos pela ocupação soviética, tanto nos países do Leste Europeu quanto na Alemanha oriental, a memória do Holocausto e do sofrimento judaico pareceu ser a única memória a ter um tratamento especial, ocupando por vezes o espaço da memória dos que lutaram e resistiram ao fascismo durante a 2ª Grande Guerra.

Desprovido de seu horizonte de expectativa, o século XXI nos aparece, em retrospecto, como um período de guerras e genocídios. Uma figura outrora discreta e modesta agora está sob os holofotes: a vítima. Na maioria das vezes de forma anônima e silenciosa, as vítimas invadem o pódio e dominam nossa visão da história. Graças à influência e à qualidade de suas obras literárias, as vítimas dos campos de concentração nazistas e dos gulags stalinistas se transformaram nos grandes ícones deste século de vítimas (Traverso, 2021, p. 35-36).

As coalizões antifascistas, a resistência francesa, os anarquistas da década de 30 na Espanha, o Partido Comunista Italiano que trançou uma ampla frente antifascista e derrotou em 1943 o regime de Mussolini, ocupam hoje um espaço muito limitado se comparado ao terror do campo de concentração. A memória do gulag apagou a da revolução, a memória do Holocausto suplantou a do antifascismo, a memória da escravidão eclipsou o anticolonialismo. A recordação das vítimas parece não poder coexistir com a lembrança de suas esperanças, de suas lutas passadas, de suas conquistas e derrotas (Traverso, 2021, p. 36).

O exercício da melancolia de esquerda, isto é, analisar a derrota e projetar um futuro, foi abandonado. Rosa Luxemburgo, ainda consciente do fracasso inevitável da liga *espartaquista* (1919), guardava esperança que sua luta servisse para uma construção de lutas futuras, em que os erros das lutas e batalhas anteriores fossem analisados e corrigidos para futuras insurgências. Mas se para as novas gerações, todo este ciclo de lutas do século XX apresentam-se apenas como experiências autoritárias que pouco tem a ensinar, porque fazer este exercício?

É nesse vazio político que Bifo Berardi (2009) olha com pessimismo, pois a fácil linguagem da publicidade e da internet formam subjetividades conformadas e formatadas para este tempo. De modo que, o neoliberalismo para além de um mero fenômeno econômico, mas encarado nas suas consequências na vida social, se espraia tanto pela esquerda quanto pela direita, impossibilitando visões de um futuro onde a humanidade se salve.

No entanto, a ascensão de regimes autoritários, as novas formas de apresentação do fascismo e as novas formas de trabalho precarizadas possibilitadas pelos *apps*, tiveram seu êxito de circulação nesta rede hiperacelerada. Que tipo de sujeito pode-se formar diante de uma contemporaneidade onde não há mais tempo para se pensar o futuro? “Um filho das flores não pensa no amanhã” (Berardi, 2009, p. 78). Ele não sonha, ele realiza. Quando o futuro aparecia como inevitável desdobramento das condições determinantes que são implícitas no presente, o

dadaísmo entra como elemento surpresa, que ignora as necessidades, a história e o discurso feito sobre a realidade. Os dizeres de maio de 1968 ecoam como um grito contra este tipo de sociedade disciplinada, adequada pra viver entre seus gestos alienados na esteira de produção e evocam o sonho dos surrealistas e a ironia dos dadaístas, manifesto nas paredes pichadas nos muros da França entrincheirada naquele fatídico maio: “sejam realistas, exijam o impossível!”

O surrealismo e o dadaísmo chegam em 1968 através de filtros que percorrem a cultura hippie, o imaginário psicodélico, a *molecularização* dos grupos. “A imaginação no poder!”: bradam os hippies. Os anos 1980 respondem. Incorporam esse lema e põe a imaginação à serviço do capital, a imaginação agora vira modo de produção. Não mais a exploração na linha de montagem, mas a exploração da mente. A geração que vem ao mundo nos anos 1980 está destinada a ser a primeira geração videoeletrônica, a primeira que se forma em um ambiente em que a mídia prevalece sobre o contato com o corpo humano.

Na segunda parte do século que acreditou no futuro, o imaginário utópico se transformou cada vez mais em distopia, pesadelo da consciência: O *cyberpunk* é um ponto de chegada dessa dinâmica de colapso do tempo futuro:

O surrealismo tinha sido o primeiro a entrever a possibilidade de conexão entre as tecnologias e a imaginação visionária, o estado alterado de consciência; os surrealistas foram os primeiros a fotografar o sonho. Quando chamavam a imaginação ao poder, o poder de que estavam falando era o da força de projeção, da potência ilusória, mas real, que modela o campo das expectativas, dos desejos e das projeções [...] Multiplicação esquizofrênica de mundos imaginados, compartilhamento de mundo projetivos. Mas também a paranoia, terror dos monstros que nascem dos pesadelos da mente coletiva. (BERARDI, 2009, p. 98).

A globalização, como consequência do avanço capitalista sobre a superfície terrestre, tende a acelerar sociedades, buscando sincronia nos processos produtivos, uniformidade e conformidade e após o capitalismo ter tomado conta do espaço

geográfico, se direciona à colonização do tempo. Ao conquistar o espaço físico por completo, ela se expande no espaço virtual, o espaço *ciber*, que é produzido e compreendido pela força da mente. Uma mente global virtualizada em expansão abriga conteúdos e informações infinitas. O mercado e a produção não acontecem mais no chão da fábrica e no solo da terra, ele avança para a circulação do dinheiro. O dinheiro ou moeda, Berardi (2020) nos lembra, é linguagem, a linguagem dotada de confiança. A circulação deste dinheiro é a maior fonte de renda dos grupos econômicos que repartem o mundo conforme seus desejos. E quanto mais veloz a circulação, mais dinheiro é produzido. Esta mente artificial capaz de criar o universo virtual se depara com os limites da mente orgânica, a mente de um indivíduo, que atribui sua confiança, atribui significado e sentido ao que se produz. Deste encontro ela produz mais-valor, e o capital suga sua energia até a exaustão.

O *general intellect*, descrito por Marx nos *Grundrisse* (Berardi, 2019), conhecimento, capacidades e habilidades comuns aos trabalhadores é este fenômeno que permite ao capitalismo formar este novo tipo de operário, operário cognitivo. Saber operar minimamente uma máquina, seja ela uma prensa, apertar um botão de acordo com o ritmo do apito, se prostrar diante da esteira de montagem, operar um computador, acessar um aplicativo, atender uma chamada por um aplicativo de viagens, aceitar uma solicitação de *delivery* de comida, fazer vídeos com danças, conselhos amorosos, formas de vestir, de comportar-se em determinada situação, podem ser algo que não se precisa (ainda) de um curso especializado.

Nesta nova realidade virtual, agora o *cognitariado*, dotado de conhecimentos necessário para operar a máquina linguística, tem justamente sua capacidade que lhe torna humano, o exercício da linguagem para aprimorar sua vida em sociedade, capturada pelo novo tipo de produção. Os diversos dispositivos tornaram o agir comunicativo o centro da produção (Marazzi, 2009, p. 9-66; Virno, 2008, p. 115- 147). Antes reduzido na linha de montagem, pois era necessário o silêncio e concentração para a sincronia dos gestos conforme a esteira de produção rolava, agora a palavra é

parte fundamental da produção. O taylorismo e sua produção *just-in-time* tornaram a informação indispensável, pois para produzir conforme o gosto e a necessidade da demanda se faz necessário pesquisar, interrogar, alinhar-se aos caprichos, detalhes e aos valores sociais implícitos e embutidos nos produtos vendidos.

Esta nova forma-de-vida vinculada ao consumo, provocou uma crise política, sentida tanto nos setores da direita quanto da esquerda. A direita caminha para um extremo onde se promete resgatar os valores ligados a uma suposta natureza das coisas, onde os valores simplistas, morais e fundamentalistas definem o que é ser homem ou mulher. O racismo opera agora prometendo devolver ao homem branco uma suposta vantagem ou privilégio diante de um neoliberalismo que submete todos a um trabalho precário, não garantindo mais seu status social de tempos onde a escravidão e outras formas de opressão e domínio ligados à valores como Sangue e Terra (*Blut und Boden*), lhe garantiam uma forma de vida abastada:

O *Manifesto Futurista* de 1909 foi uma exaltação da potência sexual e a agressividade política, e o *fascismo* tirou sua força da mitológica virilidade de *Mussolini*. E mais, o fascismo histórico foi a expressão de um verdadeiro sentimento de pertença: o sentimento de comunidade se baseava na *mitologia do sangue e a nação*, mas a comunidade naqueles tempos era algo real, algo experimentado diariamente e que moldava profundamente o comportamento social. O *retorno pós-moderno do fascismo* se baseia em uma antropologia completamente diferente. A comunidade é apenas a memória nostálgica de uma pertença passada que já não existe. É lamento, não experiência viva. A vida social foi pulverizada no espaço metropolitano pós-político, desterritorializado, e a potência não é mais que um mito, um contraponto da presente impotência. A potência sexual está em declínio, já que a *população branca* envelhece, e o estresse, a depressão e a angústia perturbam a esfera erótica (Berardi, 2021. Grifos no original.).

A Esquerda por sua vez, ao se deparar com as inúmeras derrotas acumuladas no século XX, depositou sua energia política, suas fichas de aposta no modelo de democracia liberal burguesa. A revolução proletária como forma clássica de luta da esquerda, teve sua maior queda com o fim da URSS. O socialismo “chinês”

nacionalizado, ante as pretensões universais de libertação da opressão de todos os trabalhadores do mundo, já não é capaz de mobilizar a esquerda em torno de um programa, de um objetivo revolucionário em comum. As lutas da esquerda se dão através da representação parlamentar, da inclusão de grupos minoritários em esferas de poder que antes lhe rejeitavam, e que agora fazem desta sua nova aparência, um espaço de inclusão e diversidade, sem modificar radicalmente as estruturas sociais.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS OU UM BECO SEM SAÍDA

O sujeito revolucionário como o marxismo o caracterizou durante o século XX parece ter desvanecido, dado lugar a figura do *Hikikomori* anteriormente citada. Não há quadro de renovação expressivo nos partidos de esquerda majoritários, o pós-fordismo experimentou insurgências, levantes que abandonaram as bandeiras tradicionais dos partidos, seja na Primavera Árabe (2013), seja nas Jornadas de Junho (2013), nos movimentos *#Occupy*. O exercício da autocritica da esquerda institucional não existe, seu vocabulário é neoliberal, prega pela gestão, pela austeridade, pela versatilidade diante de inseguranças, pela defesa das instituições liberais burguesas; não há sinais de radicalização da luta neste horizonte reformista. Este é um sentimento que não entusiasma, não conquista mentes e corações; e ao contrário do momento dos anos de chumbo italiano, não haverá uma geração rebelde que se levantará à esquerda, voltando-se contra seus partidos sociais democratas, tão engessados e emaranhados nas negociações pela governabilidade, pela defesa do processo legal e tão afastado de uma prática militante.

Por sua vez, a direita investe num discurso que se pauta por palavras de ordem, militância nas ruas e em igrejas neopentecostais, lutam contra as instituições, criam tensão sobre a democracia e suas regras, tomam toda uma aparência de luta e batalha das esquerdas revolucionárias do século XX, mas não propõem futuro. Amparam-se em valores como tradicionalismo e moralidade, mas não bradam mais o futuro como

os fascistas históricos; bradam por um retorno idealizado de uma memória racista e elitista construída neste tempo presente. Pelo desejo de vingança de se sentir um pouco menos humilhado pelo sistema do que seu vizinho imigrante, negro, mulher solteira, pessoa LGBTQIAPN++.

O resgate e a crítica franca da esquerda e suas tradições oferece a oportunidade de rever erros, posturas, admitir injustiças e fogo amigo, como a negação a ascensão do debate sobre o racismo e a desigualdade de gênero dentro da própria esquerda. Questionar a ausência da militância ativa da esquerda nas periferias urbanas, perceber e denunciar os dispositivos de captura dos afetos como as redes monetarizadas, é um passo para a esquerda perceber que em sua história tantos modelos de solidariedade foram construídos por tantas lutas e batalhas, que neste lastro bons exemplos podem nos preparar para enfrentar os desafios de um possível fim do mundo.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, P. **Considerações sobre o marxismo ocidental**: nas trilhas do materialismo histórico. trad: Fábio Fernandes. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

BERARDI, F. **Depois do futuro**. trad: Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

BERARDI, F. **O novo rosto do fascismo**. maio 2021. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/609027-o-novo-rosto-do-fascismo-artigo-de-franco-bifo-berardi>

KOSELLECK, R. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-RIO, 2006.

MARAZZI, C. **O lugar das meias**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

ROSA, H. **Aceleração e alienação**: por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

ROSA, H. **Aceleração**: a transformação das estruturas temporais na Modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

TRAVERSO, E. **Left-wing melancholia**: marxism, history and memory. New York: Columbia University Press, 2016.

VACCA, G. **A Itália em disputa**: comunistas e democratas-cristãos no longo pós-guerra (1943-1978). Campinas, SP: editora da Unicamp, 2021.

VIRNO, P. **Virtuosismo e revolução**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.